

# Mercado vive dia de calmaria

O mercado estava ontem bastante otimista, o que prenuncia um encerramento de contratos futuros de dólar tranquilo hoje. A moeda americana fechou em baixa e as taxas de juros desabaram no leilão de títulos públicos prefixados (*veja matéria na página ao lado*). Novas captações de recursos no exterior foram anunciadas e cresceu a especulação no mercado em relação à possibilidade de uma outra redução das taxas de juros.

O número de contratos em aberto no mercado futuro de dólar caiu ontem, o que também é um sinal de relativa tranquilidade para a liquidação dos futuros. No fechamento do pregão, entretanto, o volume desses contratos era ainda alto: 60,8 mil.

O dólar terminou o dia cotado à taxa média de R\$ 1,7425 (R\$ 1,74 para compra, R\$ 1,745 para venda), em baixa de 0,5% em relação ao fechamento de segunda-feira. Durante a manhã, as fortes entradas da moeda norte-americana derrubaram a cotação média para até R\$ 1,73 (na compra, o valor chegou a R\$ 1,725).

O Banco do Brasil entrou comprando um volume pequeno de dólares, aparentemente em mais um movimento de recomposição das reservas do Banco Central. Os números de reservas divulgados na segunda-feira e ontem, referentes a quinta e sexta-feiras da semana passada, confirmam que o BC está comprando dólares no mercado e recompondo reservas, dada a forte entrada de capital no país.

Além dos investimentos em renda fixa e em portfólio, começam a retornar os financiamentos comerciais e o movimento de exportação está melhorando. Novas captações não param de ser anunciadas: depois de Citibank, Bradesco, ABN Amro, Vale do Rio Doce e HSBC Bamerindus, o Itaú anunciou uma nova venda de títulos no exterior. A notícia de que o governo poderá captar até US\$ 3 bilhões, acima da previsão inicial de US\$ 1 bilhão, também ajudou a derrubar o dólar.

## CÂMBIO

O mês de março está terminando com uma taxa de câmbio bem abaixo da prevista pelo governo no acordo com o FMI, que era de R\$ 1,982. No leilão de títulos públicos, as taxas de juros desabaram em relação ao último leilão de papéis prefixados. O governo pagou juros de 37,78% na média, contra um juro de 42,55% no primeiro leilão de prefixados, semana passada.

Há desencontro de opiniões no mercado em relação à conduta do BC a partir de agora. Grande parte do mercado acredita que a instituição pode sancionar essa queda de juros no leilão, reduzindo a taxa Selic para algo em torno de 30%. Essa expectativa ficou explícita nas cotações do mercado futuro. Os contratos de juros apresentavam queda nas projeções, pouco antes do fechamento do mercado.

O contrato de maio, que prevê os juros no mês que vem, caiu de 37,67% no fechamento de segunda-feira para 37,18% pouco antes do fechamento de ontem. Mas a tese não é unânime e provoca polêmica.

Uma parte dos analistas acha que se os juros estão servindo de âncora contra a inflação, não haveria sentido baixar agora as taxas, porque as pressões inflacionárias, embora menores, continuam nos meses de abril e maio.

Alguns bancos, acreditando que o BC sancionaria os juros obtidos no leilão — como já fez na semana passada, logo depois do primeiro leilão de títulos públicos — teriam jogado as ofertas para baixo, aproveitando que o volume de títulos prefixados pelo governo é pequeno (apenas R\$ 500 milhões), tentando influenciar a decisão oficial sobre a taxa de juros.

31 MAR 1999